



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

VANESSA MAIA DIAS

**LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL: UMA PERSPECTIVA INGLESIANA
NO CONTO A FEITICEIRA**

ABAETETUBA / PA

2021

VANESSA MAIA DIAS

**LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL: UMA PERSPECTIVA INGLESIANA
NO CONTO A FEITICEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras da Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Benilton Cruz

ABAETETUBA – PA

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

M217l Maia Dias, Vanessa.
Literatura e identidade cultural : Uma perspectiva inglesiana no conto
a feiticeira / Vanessa Maia Dias. — 2021.
26 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Benilton Cruz
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2021.

1. Amazônia. 2. Cultura . 3. Misticismo. 4. Personagem. I.Título.

CDD 869.9301098113

VANESSA MAIA DIAS

LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL: uma perspectiva inglesiana no conto a feiticeira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras da Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Letras

APROVADA EM: 05/10/2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. BENILTON CRUZ
Orientador - UFPA

Prof. Msc. JOSÉ RINALDO VASCONCELOS LOBATO
Examinador interno - UFPA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, em sua infinita bondade por me proteger e guiar os meus passos nessa jornada de quatro anos de curso, sem ele nada disso seria possível.

Aos meus pais Celina Maia e Jurandi Dias, agradeço principalmente a minha mãe por nunca ter duvidado do meu potencial, também sou grata pelo apoio financeiro e emocional dado a mim. Ao meu Irmão João Victor Dias por ser minha companhia nas noites que passei em claro.

Ao meu orientador Prof. Dr. Benilton Cruz pela atenção, compreensão e sabedoria dispensadas a mim durante o período de elaboração deste trabalho.

Aos professores do curso de Letras da UFPA, tenho eterna gratidão por todos os ensinamentos que me proporcionaram.

As minhas amigas Amanda Araújo, Carla Brito, Lucilene Passos, Patrícia Oleastre e Renata Ribeiro, pelo companheirismo no decorrer do curso, que a nossa amizade se prolongue por longos anos.

LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL: UMA PERSPECTIVA INGLESIANA NO CONTO A FEITICEIRA

RESUMO

Uma vez que a arte literária pode ser vista como a expressão da sociedade através da linguagem, o presente trabalho alcunhado como “Literatura e identidade cultural: uma perspectiva inglesiana no conto a feiticeira” objetiva abordar a Amazônia e seus traços culturais ostentados no conto *A feiticeira*. Os métodos adotados foram de natureza bibliográfica, bem como as leituras de livros, artigos, revistas, e a produção de fichamentos e resumos. Para tal, partimos da coletânea *Contos amazônicos*, do autor Inglês de Sousa. A fundamentação teórica foi primordial para chegarmos aos resultados, e desvendar a Amazônia misteriosa dos mitos, do caboclo e da mulher amazônica. O embasamento teórico da pesquisa se dá por meio de Antonio Candido (1968-2006), Araripe Júnior (1963), Massaud Moisés (2006), Paes Loureiro (1995), entre outros.

Palavras-Chave: Amazônia, cultura, misticismo, personagem.

ABSTRACT

Since literary art can be seen as the expression of society through language, the present work, nicknamed "Literature and cultural identity: an English perspective in the short story the sorceress" aims to address the Amazon and its cultural traits shown in the short story *A witch*. The methods adopted were of a bibliographic nature, as well as the reading of books, articles, magazines, and the production of records and summaries. To do so, we start with the collection *Contos amazônicos*, by the English author of Sousa. The theoretical foundation was essential to reach the results, and unravel the mysterious Amazon of myths, the caboclo and the Amazon woman. The theoretical basis of the research is given by Antonio Candido (1968-2006), Araripe Júnior (1963), Massaud Moisés (2006), Paes Loureiro (1995), among others.

Key words: Amazon, culture, mysticism, fictitious character.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho intitulado “Literatura e identidade cultural: uma perspectiva inglesiana no conto a feiticeira” será abordado a cultura e a identidade amazônica retratada na obra *A feiticeira*, parte da coleção de *Contos amazônicos* de Inglês de Sousa. Pois, sabe-se que a literatura regional amazônica é caracterizada por obras ricas pelo misticismo, pela exaltação das paisagens, pela forte presença de crenças e superstições. Esses traços são citados nos textos literários por fazerem parte de uma cultura que ao longo do tempo construiu a identidade de um povo, Indubitavelmente, uma vez que a literatura sempre estará em equilíbrio com a sociedade a qual se insere.

Essa pesquisa visa responder a seguinte pergunta: como a cultura amazônica é explanada a partir da visão do autor? Uma das hipóteses que este trabalho pretende provar é na qual em *A feiticeira*, Inglês de Sousa descreve uma Amazônia mística e intensa.

A principal finalidade da pesquisa é analisar o conto *A feiticeira* e identificar como a cultura e identidade amazônica é retratada pela perspectiva inglesiana. Além disso, busca-se apresentar o autor da obra, discutir as crenças e misticismos dentro e fora da literatura, expor o conto, enfatizar a personagem Maria Mucoim, situar a Amazônia na literatura e por fim discorrer sobre a identidade cultural.

A importância deste trabalho se reflete na contribuição para futuros estudos literários, principalmente para os pesquisadores da região norte do Brasil, como também para o restante do país tomar conhecimento dessa cultura, do esplêndido Inglês de Sousa e da afamada feiticeira Maria Mucoim.

A metodologia adotada para o prosseguimento do estudo foi através de pesquisa bibliográfica por meio de leituras de livros, artigos, revistas, assim como a produção de fichamentos e resumos. Este trabalho se embasou em diversos autores, são eles: Antonio Candido (1968-2006), Araripe Júnior (1963), Luiz Santos (2006), Massaud Moisés (2006), Mircea Eliade (1972), Paes Loureiro (1995), Stuart Hall (1996), entre outros.

O presente trabalho é dividido em cinco capítulos, o primeiro trata da literatura do autor, isto é, suas obras, de que forma ele contribuiu para a literatura brasileira e o que outros teóricos ou críticos literários dizem sobre ele. Há também um subtópico para contextualizar o leitor perante os misticismos e crenças citadas no conto em seguida. O segundo capítulo compreende a apresentação do conto, a análise sustentada pelos estudos de Massaud Moisés (2006), e o aprofundamento da personagem Maria Mucoim fazendo um debate sobre as personagens femininas no percurso da literatura brasileira.

O terceiro capítulo faz uma reflexão da Amazônia retratada na obra do Inglês de Sousa, destacando a importância da literatura e da linguagem para a sociedade através de Antonio Candido (2006) e Todorov (2006). O quarto capítulo compreende as reflexões da identidade cultural amazônica, a sessão tem como objetivo responder às seguintes perguntas: O que é cultura? O que é identidade cultural? Como a identidade cultural amazônica foi moldada ao longo do tempo? Com o intuito de alcançar essas respostas, vale-se das obras de Luiz Santos (2006), Paes Loureiro (1995) e Stuart Hall (1996). O quinto capítulo confere ao fechamento do trabalho.

1. INGLÊS DE SOUSA

Sobre a trajetória de vida do autor, o perfil biográfico contido no livro *Contos Amazônicos* (2006) afirma que Herculano Marcos Inglês de Sousa, teve o seu nascimento datado em 28 de dezembro de 1853 na cidade de Óbidos (localizada no oeste do Pará), e o falecimento no dia 6 de setembro do ano de 1918, no Rio de Janeiro. Oriundo de uma família tradicional do estado do Pará, muito jovem, aos 11 anos foi levado para estudar no Maranhão, porém finalizou o colegial no Rio de Janeiro, após isso em 1872, iniciou na formação do curso de direito em Recife e já em 1876 concluiu em São Paulo. Apesar de ser bacharel em direito, exerceu outras funções ao longo da vida como no jornalismo sendo secretário de redação do jornal liberal *A Tribuna*, de São Paulo. Ingressou na área da política, em 1882 é empossado como governador do Espírito Santo.

Sobre sua carreira literária, no ano de 1876 Inglês de Sousa publicou a sua primeira obra em Santos, *O Cacauleta*, utilizando o nome Luís Dolzani. E já em 1877 publicou o segundo livro, *O Coronel Sangrado*. Em 1891 publicou *O Missionário*, escrito em 1888 que lhe trouxe importante reconhecimento. Seu último livro foi *Contos Amazônicos* no ano de 1893. Na literatura sua produção era centrada na relação do homem com a Amazônia, inaugurando a corrente naturalista no Brasil, até então pouco conhecida. Em 1897 começou a ocupar a poltrona 28 na Academia Brasileira de Letras.

1.1 A CONTRIBUIÇÃO PARA A LITERATURA BRASILEIRA

Apesar de suas obras apresentarem um caráter fictício, Inglês de Sousa foi um importante escritor para a literatura do Brasil. Alguns historiadores e críticos literários o consideram como o aquele que inaugurou o Naturalismo no território brasileiro, porém o reconhecimento foi depositado em Aluísio de Azevedo. Como José Veríssimo afirma em a

História da Literatura Brasileira (1915) sobre os escritores do naturalismo “Obras realmente notáveis e vivedoras, ou sequer estimáveis, bem poucas produziu, e nomes que merecem historiados são, acaso, apenas três: Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro e Raul Pompéia” (VERÍSSIMO, 1915, P. 157). A explicação para isso, talvez se dê pelo fato de que as suas duas primeiras obras *O Cacauleta* em 1876 e *O Coronel Sangrado* de 1877, não obtiveram sucesso e reconhecimento como *O Missionário* publicado somente em 1891, após a publicação de *O Mulato* em 1881, romance de sucesso que deu o reconhecimento a Aluísio de Azevedo.

O Missionário (1891) obra que lhe deu maior destaque, é um romance, onde retrata a vida de um padre, que logo após conhecer uma jovem chamada Clarinha se apaixona por ela, e acaba não resistindo aos seus desejos sexuais, a atitude do homem vai totalmente contra os seus princípios como sacerdote. No livro, o autor descreve o ambiente com uma riqueza de detalhes, característica bem marcante de Inglês de Sousa, inclusive, este é um ponto importante a ser destacado como mais uma de suas contribuições para a literatura brasileira, por levar a Amazônia para o restante do país através de suas obras.

O crítico literário Tristão de Alencar Araripe Júnior, faz um importante apanhado sobre *O Missionário* no livro intitulado *Obra crítica de Araripe Júnior* (1963), que reúne vários textos, para ele a obra de Inglês de Sousa possui uma grande riqueza de detalhes fazendo o leitor sentir-se como um habitante da cidade retratada no romance. Conforme Araripe Júnior (1963, p. 362):

O Missionário é um livro que entontece, embriaga e farta como uma bebida forte do Amazonas. Em suas páginas encontra-se a vida que pode existir em uma obra copiada do natural. Embora se trate de um trabalho feito por um escritor sóbrio e comedido em suas manifestações, vê-se que o autor de *O Missionário* possui grande rigor de imaginação, intensidade passional e esse colorido quente, peculiar a todos que têm vivido com os habitantes da zona equatorial. Paraense nascido em Óbidos, o Dr. Inglês de Sousa, durante os primeiros anos de sua vida, perlustrou as margens do grande rio e aí recebeu as impressões que deviam enriquecer a palheta do paisagista. (ARARIPE, 1963, p. 362)

No texto *O movimento literário de 1893*, o crítico também enfatiza como o Inglês de Sousa não tem preocupação por colocar a mulher de maneira sexualizada nos *Contos Amazônicos*, o foco está na paisagem e na vida amazônica. Segundo ele o autor é um grande observador, tem muito amor pela natureza, sempre busca fazer a ligação entre ficção e momento histórico do local que se passa seus contos. Para finalizar, Araripe Júnior reitera “O seu talento impregnou-se de um modo singular da paisagem e da vida amazônica; de sorte que

as suas narrações, [...] desenrolam-se com volubilidade e, encantadoras, inspiram ao leitor o mesmo[...]" (ARARIPE, 1963, p. 162)

1.2 MISTICISMOS E CRENÇAS NA AMAZÔNIA

A Amazônia rodeada por rios e igarapés que banham a floresta, guarda inúmeras histórias místicas, crenças e superstições acumuladas ao longo do tempo e passadas por gerações. Mas o que é a Amazônia? Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a região amazônica é integrada por 772 municípios, são eles: 52 no estado de Rondônia, 22 no Acre, 62 no Amazonas, 15 em Roraima, 144 no Pará, 16 no Amapá, 139 no Tocantins, 141 no Mato Grosso e 181 no Maranhão, assim como no conto estudado nesta pesquisa, os demais textos literários de Inglês de Sousa cita a religiosidade, os mitos e as superstições que vão além da ficção, são relatos que faz parte do dia-a-dia da população. Em *Cultura Amazônica uma poética do imaginário* (1995), João de Jesus Paes Loureiro analisa a cultura amazônica, segundo ele “O homem amazônico, o caboclo, busca desvendar os segredos do seu mundo, recorrendo a mitos e à estetização. Uma região que é verdadeira planície de mitos.” (LOUREIRO, 1995, p. 52)

De acordo com o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, o místico é Antônio Cunha (2010, p. 430):

Relativo ao mistério, ou a uma crença oculta, superior a razão, do domínio religioso’ diz-se de, ou pessoa que tem fé intensa e intuitiva’ ‘diz-se de, ou pessoa que se dedica à prática do misticismo’ | *mystjco* XIV, *mýstico* XIV, *mjstjco* XIV | Do lat. *Mysticus*, deriv. Do gr. *Mystikós*, de *mýstês* e; este, *mýein* ‘fechado, estar fechado. (CUNHA, 2010, p. 430):

Por ser uma região que foi e ainda é habitada por povos indígenas, uma parcela dos mitos tiveram origem nessa população de pessoas que viviam isoladas do restante do mundo e nos mitos buscavam explicações para diversas indagações, que perpassam desde a origem da existência até a vida após a morte, outra parte dos mitos obteve origem cabocla. Dentre alguns mitos e lendas podemos citar a *Cobra grande*, *O Boto*, *A Iara*, *A Vitória Régia*, *A Lenda da Mandioca*, *O Acauã*, *A Matinta Perera* e etc...

Em *Mito e Realidade* (1992), Mircea Eliade afirma que o mito é algo heterogêneo que faz parte de uma determinada cultura e pode ser interpretado e abordado de maneiras diferentes. No seguinte trecho veremos a tentativa de definição de mito apontado pelo autor, Mircea Eliade (1972, p. 5):

A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do

“princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. [...] Os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. (ELIADE, 1972, p. 5)

Em suma, um mito merecedor de destaque aqui é do pássaro Acauã que inclusive é tema central de um dos contos do livro *Contos Amazônicos*. A ave é um falcão de nome científico *Herpetotheres Cachinnans*, mede entre 45 e 56 centímetros de comprimento e pesa entre 544 e 675 gramas. Segundo o mito, o pássaro Acauã ou rasga mortalha como mais conhecido na região possui um canto agourento, seus gritos em uma localidade podem indicar sinal de morte entre os moradores. Porém, essa simbologia atribuída ao pássaro pode variar dependendo da região do Brasil.

No conto Acauã de Inglês de Sousa, o místico e o obscuro tem maior proporção levando a história para os rumos de uma narrativa fantástica, tudo se passa em uma localidade chamada São João Batista de Faro, para se distrair do luto ao perder a esposa o capitão Jerônimo Ferreira foi fazer uma caçada em dia de sexta – feira. Uma das crenças da região era o respeito por este dia da semana, caso contrário algo de ruim poderia acontecer, durante a caçada o capitão acabou se perdendo, a escuridão tomou conta e o homem só ouvia e via os trovões e relâmpagos. Ao ouvir ruídos, vindos do fundo de uma lagoa, o medo tomou conta de Jerônimo que lhe causou um desmaio, ao cair espantou um pássaro pousado que voou, era o Acauã, ao acordar olhou para a lagoa que possuía um brilho diferente, ao se aproximar retirou uma canoa do fundo e lá estava uma criança e a levou para casa e a nomeou como Vitória.

Aquele homem já possuía uma filha com a sua falecida esposa, Aninha, que acabará sendo criada com a menina encontrada na lagoa, os anos foram passando e Vitória crescia forte e bela, enquanto Aninha era pálida com um semblante triste e medonho. Com o tempo Vitória adotou um comportamento estranho sempre desaparecia, não falava o seu destino, após Aninha recusar dois pedidos de casamento as pessoas ao redor estranharam a jovem, alguns afirmavam que ela estaria enfeitiçada, mas o pai a obrigou em se casar, no dia da cerimônia sua irmã adotiva desapareceu e surgiu na porta da igreja com uma aparência esquisita, parecia estar morta, a língua era como de uma serpente, de sua boca saía uma fumaça azulada, sempre com um olhar fixo para a irmã no altar. Aninha soltou um grito desesperador, caiu nos degraus do altar, em seguida começou a debater-se em convulsões, um fio de lágrima saía de seus olhos, seus dentes rangiam e os pés se batiam.

A jovem se acalmou, todos imaginavam ter cessado aquilo, porém surgiu uma nova crise e mais forte, a moça encolheu os braços e os dobrou batendo como asas de pássaro, ao abrir a boca soltou um grito “-Acauã” e então outro pássaro a respondeu no telhado da igreja “-Acauã, acauã!”.

De acordo com a narrativa, o pássaro teria enfeitado e matado a jovem. Daí observa-se a simbologia que foi atrelada ao Acauã, pelo autor Inglês de Sousa, isto é, como um animal mitológico causador de coisas ruins, pode – se associar isto ao desrespeito pelas superstições como não caçar em dias de sexta-feira.

As superstições ou crendices adotadas pelos habitantes de uma região, sempre estão entrelaçadas com a religiosidade que está em maior predominância naquela cultura, geralmente ela é usada como forma de proteção contra o mal causado pelas forças do mundo oculto. De certa forma, pode-se dizer que as crendices são as ocasionadoras de superstições, alguns traços do Catolicismo são muito pertinentes em diversas superstições, como: Se benzer ao ouvir o canto do Acauã, não viajar no dia de sexta-feira santa. E outras que nada tem relação com o catolicismo, são elas: não rir quando passa um funeral, dormir de camisa, não rir do trovão e não gargalhar quando passa uma feiticeira.

Porém, segundo o livro *Nossas Superstições*, de origem católica escrito pelo bispo Carlos José Boaventura Kloppenburg ou Frei Boaventura, publicado em 1959, as superstições são tratadas do ponto de vista negativo e praticadas pelo paganismo, de acordo com a obra essas práticas surgiram antes mesmo da existência da igreja católica. Vejamos o seguinte trecho, Carlos Boaventura (1959, p. 5):

A superstição não é religião, nem procede da religião; é, antes, uma contrafacção da religião e prende seus adeptos nas malhas do fatalismo e do fanatismo. Religião é conhecer, servir e amar o ser supremo. A superstição obscurece este conhecimento, impersonaliza o ser supremo e tenta medron-lo com formulas, encantamentos, esconjuros, invocações cabalísticas, sinais misteriosos e palavras mágicas. O religioso ama, o supersticioso teme. (BOAVENTURA, 1959, p. 5)

No discurso é nítida a tentativa de desassociar as superstições da religiosidade, para o autor existe uma profunda diferença entre ambas. E ainda, aponta alguns princípios que segundo ele regem a vida de um supersticioso.

Na Amazônia, é comum o uso e a fabricação de amuletos ou talismãs protetores, estes podem ser usados para o bem e para mal. Geralmente a fabricação é feita com diversos objetos, a crendice de que o boto cor de rosa é um animal encantado, que se transforma em um belo rapaz nas noites de festas para conquistar as jovens ribeirinhas, levou as pessoas a

acreditarem que um talismã fabricado com o olho do animal é capaz de conquistar a pessoa desejada. Segundo o livro *Nossas Superstições* os talismãs possuem um feitiço, já o amuleto é menos perigoso como a figa que segundo dizem pode ocasionar sorte.

2. O CONTO

O conto *A feiticeira* pertencente ao livro *Contos Amazônicos*, do autor paraense Inglês de Souza narra as vivências do personagem Antônio de Sousa que após abandonar a faculdade de medicina foi para Óbidos em 1871 e entrou para a polícia. No ano seguinte foi elevado para o cargo de tenente delegado de Óbidos. Em fevereiro de 1873, após o assassinato de João Torres no Paranamiri, o delegado partiu para lá em investigação policial, após a prisão do assassino o tenente delegado passou um tempo na região a convite de Ribeiro, sendo este considerado o maior fazendeiro da região.

Em seguida, ao se estabelecer na localidade o tenente passava a maior parte do tempo visitando os sítios de cacauais do Paranamiri ouvindo as histórias dos moradores e zombando das crenças do povo e dessa forma ficou muito conhecido por ser incrédulo perante as crenças e superstições locais. Nas histórias regionais muito se falava da feiticeira Maria Mucoim, era muito temida por todos, menos por Antônio de Sousa que durante uma caçada de papagaios afirmou para o fazendeiro Ribeiro que havia o desejo de amedrontá-la.

Partindo para o desenrolar da narrativa, ao encontrar com a feiticeira o homem incrédulo a fez uma pergunta um tanto inusitada que por sinal não a agradou, assim disse: “- Então tia velha, é certo que você tem pacto com o diabo? ” À mulher ficou em silêncio com um olhar assustador, mas o sujeito continuou lhe dirigindo palavras de cunho zombador, logo após a mulher desaparecer o fazendeiro que estava na companhia de Antônio o obrigou a voltar para casa com medo do que poderia acontecer dali para frente, ao contrário do militar, ele acreditava em todas as crenças e nos poderes da velha feiticeira. Nos parágrafos seguintes do conto inicia-se o embate entre os dois personagens.

Após uma breve apresentação do conto vamos destacar alguns aspectos importantes dentro da narrativa, tendo como aporte teórico a obra “A criação literária” de Massaud Moisés (1967):

Segundo Massaud Moisés (1967) o conto é uma narrativa caracterizada por uma partícula dramática que gira em torno de apenas um conflito, um drama e uma ação. Para ele, essa ação é uma consequência de atos vindos dos personagens principais. Voltando para a narrativa nota-se que as atitudes do personagem Antônio de Sousa são decisivas para o

restante do enredo, e daí surge uma segunda personagem Maria Mucoim que deixa de ser um mito dentro da história, para se tornar uma protagonista presente no principal conflito do conto.

Outra característica deste gênero é o pequeno número de personagens e espaços que assumem uma função decisiva, o autor afirma: “Em decorrência das características apontadas, poucas são as personagens que intervêm no conto: as unidades de ação, tempo, lugar e tom implicam a existência de uma reduzida população no palco dos acontecimentos.” (MASSAUD, 1967, P. 50). Em *A feiticeira* no decorrer da descrição dos fatos, alguns sujeitos e ambientes são citados, porém logo são deixados em segundo plano para exemplificar de maneira mais objetiva temos o início do conto marcado pelo comentário do velho Estevão que a partir desse ponto sai de cena e torna-se o narrador. Um segundo personagem nesta mesma condição é o fazendeiro Ribeiro que participa da história, mas não exerce uma influência significativa sobre ela.

Massaud Moisés (1967) destaca o diálogo como um componente fundamental no conto, pois, para que ocorra conflitos são necessários desentendimentos, divergências entre opiniões e atritos, porém isso necessita de atos de fala, ou seja do proferimento de palavras. No conto estudado os diálogos diretos são marcantes e revelam muito sobre cada personagem. Vejamos o seguinte trecho do conto, Inglês de Sousa (2006, p. 43):

Sousa encontrou a velha sentada à soleira da porta com o queixo metido nas mãos, os cotovelos apoiados nas coxas, com o olhar fito num bem-te-vi que cantava numa imbaubeira. Sob a influência do olha da velha, o passarinho começou a agitar-se e dar gritinhos aflitivos. A feiticeira não parecia dar pela presença do moço que lhe bateu familiarmente no ombro

– Sou eu – Disse. – Lembra-se de ontem?

A velha não respondeu. Antônio de Sousa continuou depois de pequena pausa:

– Venho disposto a tirar a limpo as suas feitiçarias. Quero saber como foi que conseguiu enganar toda esta vizinhança. Hei de conhecer os meios de que se serve.

Maria Mucoim abaixou a cabeça, como para esconder um sorriso, com voz trêmula e arrastada respondeu:

– Ora me deixe, branco. Vá embora. Vá-se embora, que é melhor.

– Não saio daqui sem ver o que tem em casa. (SOUSA, 2006, p. 43)

A tensão em torno do diálogo entre a velha feiticeira e Antônio de Sousa, dá ao leitor a impressão de que o homem tem a pretensão de intimidar a mulher por ele ser uma autoridade policial, por outro, lado ela também busca amedrontá-lo por meio de suas feitiçarias. Diante disso, nos trechos posteriores inicia-se o choque entre ambos os protagonistas.

Nos parágrafos finais do conto a descrição ganha força, pois, contribui para o imaginário do leitor assim como a narração. De acordo com Massaud Moisés (1967), nos contos realistas a descrição tem maior predominância para descrever personagens e paisagens, porém a apresentação dos protagonistas é breve. Vejamos uma passagem do conto, Inglês de Sousa (2006, p. 44-5):

O tenente Sousa, como si tivesse atrás de si o inferno todo, pôs-se a correr pelos cacauais. Chovia a cântaros. Os medonhos trovões do Amazonas atroavam os ares; de minuto em minuto, relâmpagos rasgavam o céu. O rapaz corria. Os galhos úmidos das árvores batiam-lhe no rosto. Os seus pés enterravam-se nas folhas molhadas que tapeavam o solo. De quando em quando ouvia o ruído da queda das árvores feridas pelo raio ou derrubadas pelo vento, e cada vez mais perto o uivo de uma onça faminta. A noite era escura. Só o guiava a luz intermitente dos relâmpagos. Ora batia com a cabeça em algum tronco de árvore, ora os cipós amarravam-lhe as pernas, impedindo-lhe os passos. (SOUSA, 2006, p. 44-5)

Neste trecho a descrição do cenário nos coloca frente à aflição do personagem dando um ar sombrio à narrativa. Mas afinal como o conto é encerrado?

Após o tenente Sousa entrar na casa de Maria Mucoim contra a sua vontade, foi atacado pelos animais da velha, um gato, um bode e um urubu que partiram para cima do rapaz após algumas gesticulações da feiticeira. Porém, apesar do medo, o homem se mostrou corajoso ao proferir as palavras religiosas “- Jesus, Maria!” Conseguiu golpear no coração do bode que deu um berro e caiu sobre alguns ossos, assustados o urubu e a coruja fugiram pela porta. Quando viu a cena a velha feiticeira ficou irritada e partiu para cima do homem, ao fugir pela floresta Antônio passou por apuros, pois acreditava estar sendo perseguido por criaturas místicas. Quando chegou na casa do fazendeiro ardendo em febre deitou-se na rede e apagou, ao despertar a casa estava inundada pela água do Paranamiri que transbordava, daí o sujeito tentou correr, mas a tentativa foi em vão e nadou se perguntando em que lugar estaria o fazendeiro e sua família, estariam mortos? Seus pedidos de ajuda fizeram uma canoa se aproximar, o tripulante parecia ser Ribeiro, mas surpreendentemente lá estava a velha feiticeira com o seu olhar penetrante.

2.1 MARIA MUCOIM

A personagem do conto que dá nome ao título é introduzida na narrativa como uma “afamada feiticeira”, cujas características físicas são descritas em alguns momentos de maneira pejorativa ou preconceituosa. Vejamos uma passagem do conto, inglês de Sousa (2006, p. 39):

O tenente viu na Maria Mucoim uma velhinha magra, alquebrada, com uns olhos pequenos, olhar sinistro, as maçãs do rosto muito salientes, a boca negra que, quando se abria em um sorriso horroroso, deixava ver um dente – um Só! – Comprido e escuro. A cara cor-de-cobre, os cabelos amarelados presos ao alto da cabeça por um trepa-moleque de tartaruga, tinham um aspecto medonho que não consigo descrever. A feiticeira trazia no pescoço um cordão sujo, de onde pendiam numerosos bentinhos, falsos, já se vê, com que procurava enganar o próximo, para ocultar a sua verdadeira natureza. (SOUSA, 2006, p. 39)

Maria Mucoim vive no interior de Óbidos, região do rio Paranamiri, no decorrer da trama o narrador sempre a coloca como uma criatura pecadora que possui algum tipo de pacto com o diabo. É uma velha solitária, moradora de uma casa simples de palha, cuja estrutura já está sendo deteriorada pelos cupins, o narrador descreve a moradia da velha como “Situada entre terras incultas nos confins dos cacauais da margem esquerda. É, segundo dizem, um sítio horrendo e bem próprio de quem o habita.” (SOUSA, 2006, p. 42). Dentro de sua casa havia ossos humanos, uma coruja branca, um gato preto e um bode que em um trecho é denominado como “animal diabólico”. Na região amazônica as feiticeiras ou curandeiras são muito comuns, principalmente em localidades rurais, algumas são pertencentes a umbanda e outras ao catolicismo, as pertencentes ao catolicismo preferem não ser chamadas como “feiticeiras”, para elas o termo está ligado com a magia maléfica, muitas explicam seus feitos como um dom dado por Deus. Nota-se que em muitos momentos a religiosidade é citada no conto.

A personagem é frequentemente colocada como uma mulher solitária, marginalizada, a cuja feiticeira que possui pacto com o diabo é sempre vista com um olhar preconceituoso. Em muitos momentos da literatura brasileira, a personagem feminina aparece como um elemento crucial dentro da história, entretanto, cada uma possui suas particularidades empregadas pelo autor, como a Maria Mucoim de Inglês de Sousa. Dentre as personagens mais conhecidas da literatura brasileira estão: Emília de Monteiro Lobato, Gabriela de Jorge Amado, Iracema de José de Alencar e Capitu de Machado de Assis.

Em *Personagens femininas na literatura e seus impactos nas gerações* (2019), de Rossana Paiva Acosta, a autora faz um apanhado histórico das representações atribuídas ao sexo feminino desde a antiguidade em Aristóteles, época em que a mulher era considerada inferior ao homem, até os estereótipos como os de “esposa” mulher submissa ao homem, “dama” mulher romantizada, segundo a autora. Rossana cita a personagem Iracema de José de Alencar sendo um exemplo de personagem feminina romantizada e idealizada pelo sexo masculino, na narrativa a mulher é uma índia bela e educada, como diz na obra (ALENCAR,

1865, P. 5) : “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira”. No decorrer do tempo, essas representações sofreram mudanças, uma delas foi o surgimento da mulher protagonista como um sexo forte na literatura.

Apesar de Maria Mucoim ser inicialmente apresentada no conto como uma “velhinha magra”, frágil e solitária, no final da narrativa a sua força foi mostrada ao ser capaz de inundar o rio Paranamiri e expulsar o jovem de sua casa por meio de seus encantamentos, após ter as suas crenças colocadas em dúvidas pelo Antônio de Sousa. A personagem de Inglês de Sousa também merece ser vista como uma mulher amazônica forte, que possui uma relação íntima com a floresta e seus mistérios.

O crítico literário Antônio Candido em sua obra *A Personagem de Ficção* (1968), aponta como os personagens da ficção possuem os mesmos aspectos da realidade humana, Antonio Candido (1968, p.):

Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. (CANDIDO, 1968, p.)

Diante disso, a personagem mística da narrativa perpassa por conflitos que são influenciados pelas suas escolhas e seus valores. Observa-se, que o causador do atrito possui valores diferentes, um jovem da cidade, ex-estudante de medicina que acredita naquilo que é comprovado através de pesquisas se insere em um meio caracterizado por pessoas que em sua maioria são baseadas no senso comum.

3. A AMAZÔNIA NA LITERATURA

O contista e romancista Inglês de Sousa faz da Amazônia e do caboclo o tema principal de sua criação literária, por meio de sua visão descrevendo a realidade como ela é de maneira clara e objetiva, isto é, aquilo que chamamos de “perspectiva Inglesiana”. Mas de que maneira ele mostra a Amazônia na literatura? A literatura de Inglês de Sousa, especificamente tratando-se da obra estudada nesta pesquisa, refere-se a uma mistura de mito e realidade, o autor cria uma proximidade entre ambas por meio da linguagem, ao mesmo tempo em que há a presença dos mitos, também se tem aquilo que faz parte da realidade do caboclo e da vida social na Amazônia.

Em *A Feiticeira*, o autor traz para a literatura a Amazônia do ribeirão, do caboclo, das crenças, dos misticismos, mostrando um estilo de vida da zona rural diferente dos centros urbanos. A crítica literária Lúcia Miguel Pereira em *História da Literatura Brasileira – prosa e ficção* (1988), considera as obras do autor como “um documento social”, segundo ela por apresentar os diversos aspectos da Amazônia.

Diante das diversas observações, é notável a importância da literatura para as sociedades, através dela viajamos na história, somos capazes de conhecer artes e culturas diferentes, ela também contribui para a formação do pensamento crítico dos sujeitos. Em *Literatura e Sociedade* (2006), Antonio Candido propõe um estudo sobre a literatura e a vida social, para ele o que interessa é investigar as questões sociais envolvidas na vida artística e literária, além disso, Candido reflete acerca das supostas influências do meio social sobre a obra, isto é, até que momento a arte expressa a sociedade, e por outro lado, em que medida a obra é interessada nos problemas sociais.

No que concerne à arte como um meio para expressar sociedade, Antonio Candido (2006, p. 29) afirma:

Dizer que ela exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo; mas houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável. No que toca mais particularmente à literatura, isto se esboçou no século XVIII, quando filósofos como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Herder, com os povos. Talvez tenha sido Madame de Staél, na França, em que primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre. (CANDIDO, 2006, p. 29)

Diante das reflexões do autor surge uma nova colocação sobre a obra e o artista, Antonio Candido (2006, p. 30) afirma:

Como se vê, não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu feito. (CANDIDO, 2006, P. 30)

Para Candido (2006), a arte é uma expressão comunicativa, mas de certo modo ela possui particularidades que vão além da vida do artista, isto é, o que prevalece são as características da arte em si.

Não seria válido destacar a importância da literatura, e por outro lado, não salientar a relevância da linguagem, para que uma arte se realize como uma “expressão comunicativa”,

dita acima, é necessário o envolvimento de uma linguagem. Em “As estruturas narrativas” (2006), Tzvetan Todorov trata da ligação existente entre literatura e linguagem.

Conforme Todorov (2006):

O próprio fato de ser a obra literária uma “obra de arte verbal” levou, desde há muito, os pesquisadores, a falar do “grande papel” da linguagem numa obra literária; uma disciplina inteira, a estilística, criou-se nos confins dos estudos literários e da linguística; múltiplas teses foram escritas sobre a “língua” de tal ou tal escritor. A linguagem é aí definida como a matéria do poeta ou da obra. (TODOROV, 2006, p. 52-3)

Portanto, a literatura não se resume a uma disciplina banalizada por uma parcela de pessoas, é algo que vai, além disso, a literatura é uma arte, ela pode retratar uma sociedade, uma cultura, a cultura amazônica como feita por Inglês de Sousa e por outros nomes importantes da literatura brasileira.

4. IDENTIDADE CULTURAL AMAZÔNICA

No percurso desse estudo muito se falou na representatividade da Amazônia dentro da obra investigada, de certo modo, já descobrimos como se dá essa representação por Inglês de Sousa, agora, precisamos entender um pouco sobre a identidade cultural. O que é cultura? O que é identidade cultural? Como a identidade cultural amazônica foi moldada ao longo do tempo?

4.1 O QUE É CULTURA?

No livro “O que é cultura” (2006), o professor de antropologia José Luiz dos Santos, discute sobre a cultura na contemporaneidade e suas diversidades. Para ele, desde o século XIX criou-se uma atenção para o estudo das culturas humanas, entretanto, o conceito de cultura não foi definido de maneira clara, ao deixar essa noção em aberto muitos sentidos foram atribuídos a esse entendimento. De acordo com o autor, algumas associações corriqueiras são a aprendizagem, ao ensino, e formação escolar, ao teatro, a pintura, e música, ou até mesmo aos métodos de comunicação, manifestações tradicionais, crenças e as lendas de uma comunidade (SANTOS, 2006, p. 21-2). Não enxergando uma necessidade para tantos significados, em sua abordagem, Santos (2006) fala de cultura de uma forma mais abrangente, considerando a importância de apenas entendermos os motivos para tanta diversidade de sentidos. De acordo com o autor (2006), existem duas concepções básicas de cultura, “A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda

refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo.” (SANTOS, 2006, p. 23)

Sobre essas concepções, a primeira refere-se às características das condições de vida de um povo habitante de determinado território, como da cultura amazônica ou da cultura nordestina. A segunda concepção tem relação com os conhecimentos daquele povo, com as crenças, para exemplificar tomaremos as crenças da região amazônica citadas nas primeiras páginas do presente estudo. Após algumas discussões e reflexões o autor chega a definição de cultura.

Conforme Santos (2006):

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é “algo natural”, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. Cultura é um território bem atual de lutas sociais por um destino melhor. (SANTOS, 2006, p. 45)

Para concluir, com base nos estudos de Santos (2006) entendemos que cultura não é aquilo que está isolado da vida social, é dinâmica, está inteiramente ligada com a sociedade, aliás, não é algo estagnado, mas sim pode sofrer mudanças ao longo do tempo.

4.2 O QUE É IDENTIDADE CULTURAL?

Identidade cultural e cultura estão sempre lado a lado, pois, a identidade cultural é a sensação de se sentir parte de um determinado agrupamento social por meio da cultura, é a maneira de nos identificarmos com outras pessoas. O teórico e sociólogo Stuart Hall, faz o estudo sobre a identidade e representações sociais em *Identidade cultural e diáspora* (1996), segundo ele existem duas formas de se pensar em identidade cultural, a primeira é de que respectivamente a nossas identidades são uma forma de cultura compartilhada entre pessoas que possuem a mesma origem nos antepassados. A segunda, é que mesmo que aconteça essa aproximação entre pessoas com a mesma ancestralidade, há uma distância, em virtude das mudanças que essas identidades passam, por ser algo histórico e mutável. (HALL, 1996, P. 68)

Em *Identidade cultural na pós-modernidade* (1999), Stuart Hall volta a falar de identidade cultural, porém com o intuito de investigar se existe uma “crise de identidade”, ocasionada pelas mudanças provenientes da globalização. Para ele, é uma ficção acreditar que as identidades são completas e acabadas, diferente disso, quando um indivíduo se insere em

um novo contexto social e entra em contato com uma infinidade de identidades, ele pode fazer parte dela caso se identifique, mesmo que temporariamente.

Para exemplificar, tomemos o processo de emigração, quando o indivíduo sai de seu local de origem e se insere em uma cultura totalmente diferente, ao longo do tempo ele começa a se identificar como parte daquele meio através do contato social. Algumas características da identidade cultural de uma sociedade são: as comidas típicas, a música, as festividades e etc. Como a maniçoba, o açaí, o tacacá, o tecnobrega e o círio de Nazaré que lembra a região norte do Brasil.

4.3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL AMAZÔNICA

Agora, vamos entender um pouco de como foi a construção da identidade cultural amazônica, para isso usaremos como suporte teórico o livro *Cultura amazônica: uma poética do imaginário* (1995), de João de Jesus Paes Loureiro.

De acordo com Loureiro (1995), a cultura amazônica originou-se em duas unidades essenciais: isolamento e identidade. Pois, na época colonial, a então região hoje denominada como Amazônia foi um território indefeso principalmente pela tomada de estrangeiros vindos pelo rio Amazonas, essa região não era inabitável, pelo contrário, era povoada por vários grupos indígenas, porém não tinham a obrigação de proteger o local por não possuírem nenhum tipo de relação com o governo. Com o intuito de proteger o local, o governo português criou algumas barreiras, uma delas é o forte do castelo, atualmente chamada de forte do presépio localizada em Belém do Pará. Outra atitude tomada pelo governo foi a doação de terras para as famílias trazidas de Portugal desenvolverem atividades no ramo da pecuária.

Naquele período, o Norte era isolado do restante do país, então, Portugal decide dividir o Brasil em dois estados: a província do Brasil e a do Maranhão e Grão-Pará. Mas, essa divisão não foi só pelo isolamento, na verdade, Portugal pretendia exercer pouco comando sobre o Norte. A partir daí o Maranhão e o Grão-Pará se tornaram autônomos e independentes da província do Brasil, posteriormente no ano de 1751 foi criado o estado do Grão-Pará e Maranhão com sede em Belém, entretanto, o acesso marítimo a essas regiões no litoral Pará-Maranhão e Pará-Rio de Janeiro era difícil, inclusive, houveram vários naufrágios nessas redondezas, além de ter um clima quente e ao mesmo tempo úmido. Todas essas questões contribuíram para o isolamento da Amazônia não só do restante do país, mas também de outros territórios.

Uma parte da Amazônia teve uma ocupação lenta, mais especificamente ao leste, era um local perigoso, cheio de insetos e tribos indígenas selvagens. Conforme Loureiro (1995, p. 46):

A história da penetração por essa região está constituída de raros episódios, geralmente não documentados, muitas vezes abrigando interesses ilícitos, que se revestem de uma aura de mistério e fantasia, sobretudo pela presença a área dos temidos índios Jívaros, caçadores de cabeças, para transformá-las em miniaturas, aterrorizando e desestimulando pretensos aventureiros. (LOUREIRO, 1995, p. 46)

A economia da Amazônia era baseada na extração e exportação de plantas medicinais, ou que serviam para a produção e conservação de alimentos. Contudo, ao final do século XIX, teve o início do ciclo da borracha, com isso muitos nordestinos seguiram viagem para a Amazônia, cerca de 500 mil homens que buscavam melhores condições de vida, mas após a crise da borracha muitos voltaram para o seu local de origem, outra parcela de nordestinos se firmaram na localidade.

Outro ponto das raízes da cultura amazônica é a miscigenação entre o índio, o negro e o branco, daí surge o caboclo. Segundo Loureiro (1995), a Amazônia foi mantida “isolada ou marginalizada”, até a criação da rodovia Belém-Brasília, o fato é que esse isolamento não foi totalmente extinto, houve apenas a sua diminuição.

A partir desse contexto podemos entender como foi construída a cultura e identidade amazônica. De acordo com Loureiro (1995), esta é primeiramente influenciada pelo caboclo, que nos mitos buscavam explicações para os mistérios do seu universo. A floresta era de grande importância para a sobrevivência desses habitantes, os rios forneciam os peixes, a mata fornecia frutas e plantas medicinais. No entanto, essa cultura também é resultado do contato social entre caboclos e nordestinos advindos no período da borracha, ambos trocavam conhecimentos.

Portanto, embora o surgimento das sociedades modernas tenha criado novas culturas e identidades, o caboclo amazônico persiste em conservar muitos aspectos dessa cultura, como: as festividades, o uso medicinal de plantas, as comidas típicas, as narrativas passadas por gerações, as crenças e etc.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração da presente pesquisa permitiu um maior aprofundamento acerca da relação entre literatura e identidade cultural. Foi possível perceber que a cultura amazônica expressa nos textos literários, é a cultura dos mitos, do homem ribeirinho que retira o seu

sustento da floresta tropical, da mulher amazônica que tem uma relação de total intimidade e mistério com a natureza. Isso é muito claro no conto *A feiticeira*, Maria Mucoim, após ser confrontada por um rapaz desconhecido que duvidava dos seus feitos e a via como uma velha frágil, assume uma nova posição na narrativa, a posição de uma personagem corajosa e poderosa.

Verificamos diversas crenças citadas na narrativa, porém, também foram citadas as crenças de outro texto do autor, o *Acauã*, é um conto originário de um mito muito falado e estudado na região. Dentre as crenças e superstições citadas, são elas: a do boto cor de rosa, do canto do rasga mortalha, segundo dizem não é de bom tom zombar quando passa uma feiticeira, ou um funeral, não pode rir do trovão e até mesmo dormir sem camisa.

A análise do conceito de cultura e de como as identidades culturais são formadas por meio dela, foi fundamental para o andamento do trabalho. Deixo também em destaque, a importância do estudo da cultura amazônica para o prosseguimento da pesquisa, essa investigação proporcionou clareza para entendermos a origem dos mitos, do caboclo e do isolamento que perdurou por um longo tempo nesta região. Compreendemos que uma cultura não é estática, ela é dinâmica e mutável. A interação social entre culturas diferentes pode ocasionar novas culturas e novas identidades, tomemos como o exemplo o contato entre o nordestino e o caboclo.

Ser pesquisadora das obras do Inglês de Sousa é ser transportada para os seus contos através das leituras, é como estar presente nas cenas e assistir de perto o rio Paranamiri ser inundado pela velha feiticeira, isso se explica pelo talento do autor em descrever tudo nos mínimos detalhes. É também, entender que apesar de termos uma religiosidade diferente do outro, devemos apenas respeitar as suas escolhas. Através deste trabalho, pretendo seguir na mesma linha de pesquisa em futuros estudos, mas não só isso, como também, almejo contribuir para as novas pesquisas da área.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, Paiva Rossana. **Personagens femininas da literatura e seu impacto nas gerações**. Vol. 9. Porto Alegre: Materializando conhecimentos, 2019.
- ALENCAR, José. **Iracema**. Rio de Janeiro: Fundação biblioteca nacional, 1865.
- ARARIPE, Júnior. **Obra crítica de Araripe Júnior**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1963.
- BOAVENTURA, Frei. **Nossas superstições**. Petrópolis: Vozes em defesa da fé, 1959.

- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- _____. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revisa do patrimônio histórico social**. Rio de Janeiro, 1996.
- _____. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa 1**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa e ficção**. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1988.
- SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. 16ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SOUSA, Inglês. **Contos amazônicos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 4ª. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- VERÍSSIMO, José. **A história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação biblioteca nacional, 1915.

SITES VISITADOS:

AMAZÔNIA LEGAL. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA E GEOGRAFIA - IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazoniz-legal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 23 ago. 2021.

ANEXOS

GLOSSÁRIO

Afamada: Qualidade dada a uma pessoa famosa, ou muito conhecida em uma determinada região.

Amazônia: região que abriga a floresta tropical de maior biodiversidade do planeta que ocupa cerca de 49,29% do território brasileiro, essa área corresponde aos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia, Mato Grosso, Maranhão e Tocantins.

Caboclo: Designação dada a pessoa gerada através da miscigenação entre índios e brancos.

Conto: gênero literário caracterizado pela narração de uma história de poucos personagens, possui apenas um conflito e um número reduzido de cenários.

Cultura: Amontoado de comportamentos, tradições e sabedorias de um povo, isso inclui a língua, a religiosidade, as músicas, festividades e etc.

Crenças: ideias tomadas como verdade, isto é, acreditar em algo, como a crença religiosa que é a ação de crer naquilo que é sagrado, místico ou sobrenatural.

Feiticeira: Mulher que faz feitiços para o bem ou para o mal; bruxa. Porém, já no sentido figurado é aquela que encanta; mulher sedutora.

Identidade: Aquilo que é construído através de traços culturais de uma sociedade a qual o indivíduo está inserido, ou seja, trata-se de uma construção social que os difere e representa uns aos outros.

Marginalizada: Termo relacionado ao indivíduo que é excluído da sociedade, geralmente essa exclusão é influenciada por alguns fatores, como: culturais, econômicos, políticos e sociais.

Mito: Em tempos passados os mitos eram narrativas que serviam para explicar acontecimentos da vida humana e isso era tomado como verdade, após o surgimento do conhecimento científico, os mitos passaram a ser vistos como uma ficção.

Narrativa: é um texto descritivo que serve para contar fatos através de um narrador que pode ser um personagem da história, existem vários tipos de narrativas, como: Romance, novela, fábula, conto e crônica.

Pejorativa: termo relacionado aquilo que é desagradável, que menospreza ou ofende alguém.

Personagem: Representação humana que participa de uma história fictícia, trata-se de uma criação do autor da obra.

Sociedade: Ambiente social formado por diferentes grupos de pessoas, entretanto, mesmo sendo formada por indivíduos que se diferem por classes sociais, etnias e outras questões, todos devem viver sob normas comuns.

Superstição: crenças sem fundamento científico baseadas na concepção de que algumas atitudes são ocasionadoras de sorte ou azar.

Tenente: Refere-se ao posto ocupado por uma pessoa que exerce o trabalho de chefe na polícia, na marinha ou no corpo de bombeiros, porém é um cargo inferior ao capitão.